



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

A Sala das Promessas e o Museu Nossa Senhora Aparecida: práticas expositivas, objetos e narrativas no Santuário Nacional em Aparecida (SP)

Autoria: João Frederico Rickli (UFPR - Universidade Federal do Paraná)

Este work analisa comparativamente dois espaços expositivos que fazem parte do Santuário Nacional em Aparecida (SP), o maior e um dos mais importantes complexos religiosos do Brasil. O primeiro deles, a Sala das Promessas, fica no subsolo da Basílica e é o espaço dedicado aos ex-votos relacionados com a devoção a Nossa Senhora Aparecida. Nele são organizados e exibidos, através de recursos expográficos variados, um grande número de objetos ofertados pelos devotos à santa. Além de espaço expositivo, a Sala das Promessas é também o local onde se faz a gestão do enorme volume de coisas que fluem de forma constante na dinâmica dos ex-votos, que ali são recebidos, classificados, armazenados, exibidos, descartados, doados ou destruídos. O segundo espaço é o Museu Nossa Senhora Aparecida, localizado no último andar da torre da Basílica, que abriga uma coleção de objetos relacionados à trajetória da santa e à história da devoção a Aparecida, bem como aos milagres atribuídos a ela. Encontra-se também no museu uma coleção de imagens dos séculos XVII e XVIII. O objetivo deste work é abordar as práticas expositivas que organizam estes espaços a partir de duas perspectivas. A primeira delas relaciona-se aos diferentes modos de mediação do sagrado implicados nas dinâmicas de exibição e ocultação de objetos na Sala das Promessas e no Museu. Em ambos os casos, noções como ordinário e extra-ordinário, corriqueiro e miraculoso, prosaico e artístico são reembaralhadas e os objetos em exibição parecem estar em constante movimento entre estes domínios, ainda que de modos muito distintos em cada um dos espaços. Enquanto os objetos na Sala das Promessas estão diretamente integrados ao fluxo constante e interminável de ex-votos, a coleção exibida no museu parece apartada do cotidiano do santuário. A segunda perspectiva diz respeito ao modo com os objetos se relacionam com as narrativas expositivas (ou expográficas) aos quais são submetidos. As diferenças entre os



dois espaços em questão aqui são bastante pronunciadas. Enquanto as narrativas sobre o poder da Aparecida na Sala das Promessas parecem complexas e polifônicas, o Museu busca produzir um discurso claro, uníssono e cronologicamente ordenado. Em ambos os casos a análise procura demonstrar como os objetos não são completamente disciplinados por estas narrativas, mas atuam como mediadores capazes de contestar, subverter, desafiar e propor alternativas aos discursos em jogo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: